

**ALFREDO LADISLAU: UMA TRILHA PARA OLHAR E REPENSAR A AMAZÔNIA**

Dra. Lourdes Furtado

Gostaria de saudar as autoridades aqui presentes e ou representadas, a Diretoria deste Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), na pessoa de sua presidente, a professora Dra. Anaíza Vergolino e Silva, os caros confrades e confradeiras, os seus dedicados funcionários e estagiários voluntários; assim como os colegas do Museu Goeldi, nos grupos de Pesquisa RENAS, Estudos Costeiros, Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos e dos programas de Pós Graduação em Diversidade Sociocultural/Museu Goeldi e Sociologia e Antropologia/Universidade Federal do Pará, este conveniado ao MPEG; os bolsistas do PIBIC e todas as equipes de pesquisa com quem tenho trabalhado junto aos projetos Marapanim, Recursos Naturais e Antropologia de Sociedades Pesqueiras, Estudos Costeiros, Manguezais da Amazônia, este em parceria com a UFPA e Universidade de Bremen-Alemanha, Projeto Alfa-Ciência e o Projeto CPLP (Comunidades de Países de Língua Portuguesa) em parceria com o Museu Goeldi, a Universidade Aberta (em Portugal) a Universidade Lúrio e Eduardo Mondlane (em Moçambique) contando com sucessivos aportes financeiros do CNPq, FNMA, FADESP, IRDC-Canadá, FAPESPA; a Schola Cantorum da Catedral aqui representada por seu regente professor Eduardo Nascimento e pelo pianista e organista professor Paulo José Campos de Melo, e saudar a minha família - parceira de jornadas. Um agradecimento sincero a todos pelo convívio longo, o aprendizado, a reciprocidade e a contribuição recebidas ao longo dessa história que construímos e que me levou a percorrer trajetos compartilhando ideais, sonhos e desafios para chegar a momentos como este. Momento em que adentro o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, depois de tê-lo contemplado e visitado tantas vezes nos tempos de estudante do Colégio Estadual Paes de Carvalho, para hoje integrar seu quadro de Sócios Efetivos e com eles compartilhar a Missão do IHGP em busca da promoção, proteção e difusão dos conhecimentos das sociedades tradicionais e do patrimônio histórico e cultural dos povos amazônicos, também materializados em seu inestimável acervo que dá alma a este Silogeu.

Em seguida, saudar e agradecer também o professor Dr. Romero Ximenes Ponte, por seu reconhecimento à minha pessoa nesse generoso e dadivoso discurso de acolhida neste Silogeu, lembrando das tardes de sextas-feiras em seminários com Eduardo Galvão, nos anos 70, na Divisão de Antropologia do Museu Goeldi, no Mestrado na USP com Oracy Nogueira e de outros eventos da Associação Brasileira de Antropologias e do CNPq que compartilhamos, como na defesa de sua



brilhante tese de Doutorado, no Programa de Sociologia e Antropologia da UFPA, quando tive a honra de estar na sua banca. E agora, caro confrade, estamos aqui no IHGP, nesse novo encontro. Muito obrigada, professor Romero!

Nesta sessão solene, gostaria de ressaltar o trabalho e a dedicação da atual diretoria Instituto Histórico e Geográfico do Pará, tendo à frente a nossa presidente professora Dra. Anaíza Vergolino e Silva, no afã de colocar este instituto no patamar que o mesmo merece, isto é, dinamizando-o, buscando interdisciplinaridade científica nas ações programáticas, projetando-o para a sociedade envolvente e, sem dúvida, a sustentabilidade no cotidiano. Professora Anaíza, decana do nosso curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, digo agora que o “Tambor das Flores”, seu magistral trabalho de tese na Universidade de Campinas/SP que a consagrou como antropóloga e docente, valorizando o “povo de santo” e os cultos afro-brasileiros no Pará, ressoa também como energia na sua militância científica neste sodalício e na perspectiva de inclusão social que permeia sua gestão. Parabéns, cara confrreira!

In Memoriam, homenageio os meus pais – Alfredo e Eunice Furtado –, que me abriram as portas da vida, e os meus mestres/orientadores, que me ensinaram o caminho das pedras e de verdades como: Maria Anunciada Ramos Chaves e Napoleão Figueiredo (da UFPA), Eduardo Galvão, Expedito Arnaud, Protásio Frikel, Paulo Cavalcante (do Museu Paraense Emilio Goeldi), Oracy Nogueira (da USP), Roberto Cardoso de Oliveira (do Museu Nacional), António Jorge Dias e Ernesto Veiga de Oliveira (do Centro de Estudos de Antropologia do Museu do Ultramar, em Portugal), Aliette Geistdoerfer (do Centro de Etno-Tecnologia dos Meios Aquáticos, Museu Nacional de História Natural/Ictiologia Geral Aplicada e do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, em Paris), o Monsenhor Nelson Soares Brandão (reorganizador da Schola Cantorum da Catedral de Belém).

E por fim, dedicar este momento aos mestres pescadores – argonautas da Amazônia, todas essas pessoas que, com seus conhecimentos empíricos sobre a natureza, me ajudaram a desvendar particularismos socioculturais e ambientais dessas regiões, vencer desafios e a me defrontar com meus primeiros estranhamentos antropológicos face ao mundo das águas em sua materialidade, especificidades e simbologias. Dedico também esse momento aos jovens pesquisadores, especialmente aos bolsistas do PIBIC, pois aí está um momento crucial para o aprendizado do



trabalho de campo. Aproveitá-los e incentivá-los é uma estratégia para esse métier científico! Aos meus sobrinhos-netos que ora iniciam sua trajetória estudantil e acadêmica, um pouco dessa dádiva.

Seguindo o rito de posse deste sodalício, cabe-me elogiar e comentar sobre a cadeira número 3, patronímica de Alfredo Ladislau na qual assento como a terceira ocupante depois dos confrades Dr. Cândido Marinho da Rocha, seu fundador, e o professor Geraldo Mártires Coelho. Do Dr. Geraldo Mártires Coelho, seu segundo ocupante, ressalto o mérito de sua atuação como sócio efetivo, como historiador, pesquisador e docente da Universidade Federal do Pará, que ora ascende ao título de Sócio Emérito neste instituto, conferindo certamente a este silogeu e aos seus pares de confraria, a presença forte de sua reconhecida capacidade científica, em nível nacional e internacional dedicada à Amazônia. Conheci o professor Geraldo Mártires Coelho no Museu Goeldi, ele no afã da finalização de sua tese de Doutorado, pesquisando na Biblioteca Clara Galvão para defesa pública em Portugal. Notável pesquisador, historiador e docente da Universidade Federal do Pará, deixa a Cadeira Alfredo Ladislau, porém continua emprestando sua inteligência e seu esforço de pesquisa a serviço da História da Amazônia e da vida e missão do IHGP. Espero corresponder às expectativas dos meus colegas deste instituto, senão com a excelência de Geraldo Mártires Coelho, mas com disposição de colaborar com suas diretrizes e linhas de ação, cuja missão tem como lema, na atual gestão, saber e memória!

Auguro que esta casa continue avançando fronteiras para além da academia e dos centros de pesquisa, como se pode notar. Esta é a minha percepção desde que encontrei aqui vários grupos de jovens estudantes em franca movimentação de estágio e pesquisa – entre eles está aqui o Luis Augusto – o Guto (estudante de História), dedicando-se voluntariamente a organizar coleções do acervo fotográficos desta casa). E que este instituto continue sendo uma instituição cultural aberta para além dos muros universitários, para realizar estudos e fazer a difusão dos conhecimentos de suas áreas científicas, para socializar os conhecimentos produzidos através das suas programações semestrais, tais como as contidas nos folhetos do IHGP de 2017 e 2018 (IHGP, 2017 e 2018), oportunas e fundamentais como plataforma de conhecimento, acolhimento e salvaguarda do patrimônio de Belém e do Estado do Pará e, o que é mais importante, de proporcionar reflexão aos que não tiveram oportunidade de vivenciar uma instituição de nível superior, conforme depreende-se do pensamento da nossa presidente e membros da Diretoria, considerando-se pois como usuários potenciais aqueles que vêm de uma sociedade plural, diversificada do ponto de vista sociocultural e econômico e que, não raro, não tiveram a oportunidade de entrar nesse caminho após seus estudo



primários. Creio que este público também está no horizonte dos objetivos e metas previstos nos Estatutos do IHGP. Nesse sentido, uma citação do confrade Geraldo Mártires Coelho, meu antecessor na cadeira n.3, feita em seu discurso de posse neste silogeu, vem ao encontro deste meu ponto de vista, quando diz: “a existência de um público leitor que combina preferências estéticas e visões de mundo as mais diferenciadas, faz com que a construção do saber independa da sagração dos círculos acadêmicos, operação essa que é tão útil às associações culturais quanto necessárias ao produtor intelectual (COELHO, 1971).

Ao ocupar a cadeira número 3 neste sodalício o faço com a humildade dos neófitos e com a emoção de participar de tão antiga associação cultural, com a perspectiva de interagir com os caros confrades e congreiras, muitos da minha geração universitária, que tão amavelmente me receberam naquela tarde de acolhimento (o primeiro momento deste rito de passagem que estamos protagonizando) em que a professora Anaíza Vergolino e Silva e a Diretoria desta casa saudavam os dois neófitos eleitos - o professor Dr. Octávio Avertano de Macedo Barreto da Rocha e a mim, ao mesmo tempo em que apresentavam sucintamente a história e a liturgia da investidura dos sócios efetivos neste sodalício, assim como a missão, os objetivos e metas deste instituto, cujo lema, repito, na atual Direção é saber e memória, expressos em seus estatutos e em suas ações.

O ocupar tal cadeira exigiu-me conhecer um pouco a trajetória de Alfredo Ladislau, sua obra, pensamento e contribuição à ciência, à sociedade regional e às políticas públicas na e para a Amazônia. Porém, quero dizer que neste instante trago apenas uma resenha descritiva resultante de uma pesquisa exploratória que poderá adensar-se ou desdobrar-se mais tarde. É meu desejo conhecer de forma mais profunda o conteúdo de sua obra que se inscreve na literatura clássica sobre a Amazônia e incide nesse ambiente variado dessa região, na terra, nas águas, nas florestas, nas gentes - isto é, na sociedade que se diversifica social e culturalmente, trazendo a história e as dinâmicas sociais que lhes afetam. Preciso sim, aprender mais, refletir mais sobre a obra de Alfredo Ladislau, assim como sobre a grandeza deste egrégio Instituto Histórico e Geográfico do Pará como instituição cultural de natureza pública, para então contribuir mais para sua difusão no âmbito dos beneficiários desta casa de saber e memória, tais como: estudantes do ensino fundamental, universitários, professores, pesquisadores, artistas, artesãos, gestores, cineastas e agentes de comunidades tradicionais amazônicas, os quais vivenciam em seus territórios modos de viver particulares, lógicas próprias, ideias e práticas sociais construídas em sua história de longa duração. Tudo isso pretendo realizar através do compartilhamento com os membros desta casa, que ora me acolhem. Portanto, o



compromisso de passar deste caminho, ora exploratório, para outro mais denso na perspectiva etnográfica sobre o patrono e sua obra, faz parte da trajetória que ora iniciamos nessa linha de difusão e contribuição, buscando fundamentos nos acervos documental e bibliográfico do IHGP.

Assim, com base na bibliografia compulsada (que inclui as obras do homenageado, discursos de posse do IHGP, excertos críticos e outros juízos), apresento uma resenha destacando três pontos que me parecem relevantes neste ato laudatório ao patrono da Cadeira n. 3, a qual agora tenho a honra de ocupar. Assim, enfatizo três comentários a seguir (a) a cadeira e o patrono, (b) o contexto, a relevância e os impactos de sua obra, (c) e a importância das áreas centrais do IHGP em sua missão.

(I) O patrono. Então, quem foi Alfredo Ladislau?

Nascido Alfredo Aníbal Ladislau, em Guaramiranga no Ceará, em 6 de novembro de 1882, filho de João Coriolano Ladislau e Tereza de Jesus Aníbal Ladislau, teve o apoio do padrinho, o Padre Leornes Menescal, para realizar seus primeiros estudos. Em 1898, aos dezesseis anos chegou ao Pará. Aos 22 anos, em 1904, encontrava-se empregado como funcionário da Fábrica de Gelo, de propriedade do engenheiro Francisco Bolonha e *pari passum* estudava. Fez os cursos secundário e superior, diplomando-se em Direito no dia 8 de dezembro de 1908, pela Faculdade Livre de Direito do Estado do Pará, tendo sido o orador da turma. À época já revelava o dom da oratória e da erudição. Devotado às letras, apreciava o teatro e a ópera. Exercia funções de revisor na imprensa e colaborava em revistas, tendo como domicílio uma casa na Travessa Triunvirato. Como bacharel ocupou o cargo de promotor público nas comarcas de Baião, Gurupá, Óbidos e Santarém e depois o de juiz em Vizeu, Alenquer e Belém. Fatos que por si tornaram-se oportunidades de viver em diferentes lugares e regiões do interior da Amazônia, o que certamente lhe proporcionaram experiências com a diversidade ambiental e social, com os hábitos locais, os problemas e as tensões dessa imensa e hiperbólica região. A obra de Ladislau ajuda a orientar linhas de pensamento social, formular questionamentos, apesar de apresentar, por vezes um tom estereotipado, radical, etnocêntrico, pessimista, crítico, mas ainda assim, esperançoso, aguçando percepções e pensamentos sobre os povos e o ambiente da Amazônia. Enfim, sua obra, na qual prosa e poesia se misturam (aqui falo de poesia no sentido da construção de imagens), dirige o olhar e o pensamento para a profusão das águas, para a densidade da floresta, para a biodiversidade regional, para as intempéries, para as vicissitudes enfrentadas pelos povos da floresta e das águas, para o abandono da região bem como para as expectativas de desenvolvimento regional. Assim, oferece aos leitores uma cenarização do



contexto regional em que trabalha, sobretudo nos diálogos com Arianda e Aiúna, personagens protagonistas da sua narrativa sobre os problemas e as possíveis soluções para a Amazônia, tal como no primeiro conto de sua obra-prima - o Terra Imatura” (LADISLAU, 1971:13-23).

À época de sua atividade profissional ele singrou rios, conheceu lagos, igarapés e paranás, cheias e vazantes, ambientes diversos, matas ciliares, priantãs na correnteza ou nos remansos como tapetes sobre as águas trazendo uma formidável biodiversidade. Foi impactado pela exuberância regional, talvez como experimentei em meus trabalhos de campo em Óbidos, Santarém, Oriximiná, Rio Trombetas, Cachoeiras Porteira e Viramundo, Lago Abuí, Alenquer e Monte Alegre. Alfredo Ladislau certamente ouviu por lá contos e causos e o canto das guaribas nos meandros de Baião, Santarém, Alenquer e Óbidos onde trabalhou no início do século XX. Tendo-se tornado conhecido como literato, deixa neste sodalício seu nome e sua pequena, mas densa obra aos interessados em pensar e administrar a Amazônia para o bem estar social dos povos que nela habitam.

Aos 32 anos de idade Alfredo Ladislau casou-se em Santarém, em 26 de novembro de 1914, com a Sra. Dona Madalena Sarmiento, com quem teve três filhos. Apesar de todo esse caminho percorrido Ladislau nunca demonstrou interesse em pertencer a silogeu. Faleceu no dia 22 de novembro de 1934, aos 52 anos, deixando imortalizada sua trajetória literária na Amazônia, da qual fez sua terra de viver, após migrar do Ceará. (MARINHO DA ROCHA, 1971:201-206).

(II) A obra de Alfredo Ladislau, no conjunto, compõe-se somente de três livros: (o 1º.) *Cenas da Vida Paraense - Contos*, publicado em 1904. Um livro de contos, “repletos de singela ironia, ligeiras observações de fundo realista”, como diz Cândido Marinho da Rocha (1971:209), relembrando a Belém do início do século XX; (o 2º.) *Código Civil Brasileiro Aplicado por Tribunais e Juizes da República*, editado e publicado em 1921 no Rio de Janeiro; e (o 3º.) *Terra Imatura*, publicado em 1923, sendo este o livro principal, e também crônicas inéditas: *O bicho e o seus palpites*, *O prestígio das mãos*, que se encontram inseridas na edição de 1971 de *Terra Imatura* (páginas 225-228). Aqui trago apenas traços dessa obra, pelas razões já mencionadas e pelo tempo que me cabe.

Quanto ao *Terra Imatura*, esse é o livro que o consagrou como uma das expressões da literatura clássica da Amazônia, configurando-o, a meu ver, como sua obra prima. Resulta de suas viagens à região do Baixo Rio Amazonas e é referência como fonte de pesquisa sobre a Amazônia, o Pará e Belém. Essa obra mostra a concepção do autor sobre a região nos anos 1920, como escreveu Clóvis



Silva de Moraes Rego (presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará), ao fazer sua Apresentação na edição de 1971: “censurando-a, não apenas como um motivo estético, divulgando-a, com o seu extraordinário poder descritivo, para projetá-la nas proporções que realmente merece, ressurge, agora, entre as reedições do Conselho Estadual de Cultura do Pará” (MORAIS REGO, 1971: 1).

O Terra Imatura traz à cena um temário instigante à leitura e à reflexão sobre temas amazônicos elaborados em 13 capítulos (nota 1). Estes capítulos são abertos com Epígrafes, as quais sinalizam o sentido da sua escrita, seu olhar, sua visão de mundo e, certamente, a influência de vasta leitura e correntes científicas absorvidas. Percebe-se por sua obra, a leitura de escritores, cronistas, naturalistas e viajantes na Amazônia no século XIX (citados sequencialmente nas epígrafes dos capítulos indicados na nota 1) e também da literatura clássica estrangeira como Dante Alighieri, Louis Agassiz e Gaspar Carvajal, bem como um largo conhecimento da região, com certeza advindo de sua vivência como profissional da judicatura brasileira nas regiões ribeirinhas e costeiras do Pará.

Quanto ao conjunto da obra de Ladislau, ainda que este não seja volumoso, a meu ver é denso pelo seu conteúdo e alcance, no sentido de (1) pensar a Amazônia no início do Século XX, (2) de impactar as bases do pensamento social da Amazônia, conforme nos revela o pesquisador Rômulo de Paula Andrade no artigo “Natureza, clima e civilização: as bases do pensamento social da Amazônia no Estado Novo” (ANDRADE, 2009:1-8), além de servir de estudo para uma tese de doutorado. (nota1).

Em que categoria se inscreve a obra do nosso patrono Alfredo Ladislau? Contos? Crônica? Ensaios? Não me parece importante nem oportuno, no momento, classificar sua categoria. Mas, o que me importa agora é o que o conteúdo propõe, o discurso, a comunicação de uma Amazônia do início do século XX, os motes para seu surgimento. Valem também as projeções que dessa obra se possa extrair (particularmente a dos 13 capítulos de Terra Imatura) ensejando outros livros, outros olhares, outras pesquisas científicas no campo das três Áreas Centrais deste Histórico (IHGP): a História, a Geografia e a Antropologia! Nesse sentido, tanto a membros deste silogeu, quanto a outros centros ao alcance dos beneficiários já citados.

E o que dizer da repercussão dessa obra? O impacto desse livro foi considerável. A esse respeito me agrada destacar a seguinte honraria ao autor: dentro do movimento literário do Pará, no período entre 1946-1952, editou-se uma revista intitulada Terra Imatura, dirigida por Cléo Bernardo de



Macambira Braga, recebendo esse nome no intuito de homenagear Alfredo Ladislau. Além do mais a revista adotou como linha editorial as bases do romance homônimo. Vale destacar que essa revista tinha como redatores Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir, Machado Coelho, Francisco Paulo Mendes, dentre outros personagens de destaque no cenário literário paraense (COELHO, 2003,73). Antes essa revista chamava-se Revista do Estudante, um “Mensário Independente dos Estudantes do Pará”.

E o que falaram dele? Aqui seguem alguns juízos ou referências que ilustram a imagem de Alfredo Ladislau no pensamento de seus pares e cientistas. Tais referências busquei no livro Terra Imatura, edição de 1971, da “Apresentação” de Clóvis Silva de Moraes Rego (1971), que dele disse:

“... um belo espírito, culto e equilibrado, com uma expressão fluente e harmoniosa, embora por vezes áspera, mercê dum vocabulário rebarbativo que pouco fica a dever a Euclides da Cunha e Alberto Rangel, nos quais, de resto, se abeberou fartamente...”.

Bruno de Menezes disse: “esse Evangelho de Panteísmo e acendrado culto à terra das vitórias régias e das uyaras – livro que é um poema de luz e cores tropicais e que ficará perpetuando, dogmatizando, impondo um acurado estudo da nossa flora e da nossa fauna” e mais “o seu talento e sua sensibilidade faziam vicejar nesta Capital bela página com que vaticinava “Terra Imatura”. (Pórtico da Revista “Belém Nova” – Ano II – no. 43, 5 de setembro de 1925).

Alberto Rangel escreveu-lhe de Londres: “Remergulhe nas águas da Amazônia. Não tema repetir-se, aprofundando-se na emoção dessas mesmas praias, corredeira e barrancos... |...|. A sua pena banhada no Mar Doce todas as vezes que lhe aprouver surdirá cada vez mais inspirada e cativante”.

E novamente Moraes Rego: “O infortúnio que marcou o severo ocaso de Alfredo Ladislau não lhe permitiu deixar, em subseqüentes obras, as cintilações que seu espírito superior tanto prometia. E não surgiu para a glória de nossas letras, o outro livro, irmão legítimo de Terra Imatura. Ficou Ladislau literalmente falando, “homem de um só livro, não obstante ter sido autor de três” (MORAIS REGO- 1971).

E encerro essa pequena mostra de opiniões, com uma menção de Eidorfe Moreira:



“ [...] Exaltou as grandezas e qualidades da terra, mas viu também os problemas e vicissitudes da condição humana em face dessa pujança telúrica. Se como quadro natural a Amazônia pareceu-lhe “um poema geográfico”, nem por isso apartou desse poema a nota de miséria humana que o deslustra e o enfeia” (Do livro “Alfredo Ladislau” – Apresentação e Compilação por Eidorfe Moreira – Coleção Clássicos da Amazônia, vol. I, Serviço de Documentação da SPVEA, Rio de Janeiro, 1961. In: Terra Imatura. Alfredo Ladislau 1971:1189-195).

Carece ainda dizer que, em 2003, a historiadora Marinilce Oliveira Coelho, em sua tese de doutorado na UNICAMP, identificava o tema do livro Terra Imatura dizendo: “o tema do romance é o paradoxo: atraso cultural e econômico da região x opulência da natureza” (COELHO: 2003:73). O escritor Elson Faria, prefaciando a edição de Terra Imatura, em 2008, refere-se assim: “o livro todo se constrói em textos situados nos limites do ensaio, da crônica e do poema em prosa” [...] busca interpretar as inúmeras águas da região, a natureza das estradas líquidas que cortam a planície, as águas dos lagos e lagoas e dos rios que nos encontros se casam e ficam maiores” (FARIA, 2008:20-21).

Achei interessante mencionar aqui um comentário mercadológico, que por acaso encontrei num site de venda de livros que diz sobre o Terra Imatura: “leitura obrigatória para quem deseja compreender a realidade amazônica e sua complexidade, o autor analisa as possibilidades de desenvolvimento da Amazônia, comparando-a ao nordeste, outra região ‘enjeitada’ historicamente pelo poder público. Reflete ainda sobre o episódio da crise da economia da borracha e o papel do imigrante nordestino” (BOOKS. GOOGLE.COM BR).

(III) O que a obra de Alfredo Ladislau representa para a ciência e para a sociedade amazônica? Mais que elogiar o patrono da cadeira vale pensar também numa conexão entre sua obra e o presente do IHGP, quem sabe uma trilha, um caminho possível para construir-se esse nexo. Com efeito, ações que venham ao encontro dos objetivos e metas desta secular confraria. No presente a “nossa casa”, como se refere Figueiredo ao IHGP (FIGUEIREDO (2018;4), ergue-se, dinamiza-se, ampliando suas áreas de estudo, conduzidas pela atual diretoria com a coordenação da professora Anaíza Vergolino e Silva que “devota-lhe um amor incondicional e é voz corrente que a vida que hoje habita neste solar, muito lhe deve”, ainda lembrando Figueiredo no seu citado discurso (FIGUEIREDO, 2018:4). E certamente avançará mais ainda tendo como plataforma a missão deste instituto - saber e memória - a orientar as ações programáticas.



Portanto, na obra de Alfredo Ladislau, como uma aquarela elaborada com o encantamento do autor, entre os anos 1904 e 1923, estão presentes elementos que, se divulgados (em sessões de estudos ou eventos diversos), possibilitarão sem dúvida a diversificação pluridisciplinar do conhecimento sobre essa vasta região e a ampliação do horizonte de pesquisas aqui ou em outras instituições parceiras deste sodalício. Pois, em seu cenário transitam imagens variadas e singulares: (a) pessoas: índios, caboclos, colonizadores; simbologias, hábitos, fatos, organização social, tensões, visão de mundo, conceitos, estereotípias, pensamento social e (b) ambientes: águas, florestas, matas ciliares, clima. Temas tão caros à História, à Geografia, à Antropologia, às Ciências Humanas. Temas que, a partir do olhar de Ladislau, propõe a jovens pesquisadores uma releitura dessas experiências, um fazer etnográfico junto a grupos humanos e ambientes percorridos por Ladislau, que os conheceu e sobre eles escreveu. E agora, como pareceriam a outrem?

O livro *Terra Imatura* é inspirador para a formulação de novas questões que possam nortear pesquisas no campo das áreas científicas do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, por conter ideias, reflexões, imagens e conclusões relacionadas a estas áreas e mais ainda, à ecologia, à etnobiologia, enfim às ciências ambientais, à história do pensamento na Amazônia, às artes e às letras!

Em sua busca de cenários e motivações para escrever, Alfredo Ladislau percorreu áreas com particularismos sociais, culturais e ecológicos, acenando para categorias de análise privilegiadas na abordagem científica do campo antropológico contemporâneo, para a proteção dos conhecimentos das sociedades tradicionais e salvaguarda do patrimônio material e imaterial que estas sociedades construíram ao longo de sua história.

Parafraseando a Confreira Helena Dóris de Almeida Barbosa digo agora: “hoje me encontro dentro ‘desse castelo’, que guarda histórias, memórias e um passado que evidenciam marcas culturais de Belém” (BARBOSA, 2017:1) e a pensar na riqueza de seus acervos documentais disponíveis à leitura e à busca de ligações entre o passado e o presente que estão sob o teto deste silogeu, cuja história apresenta ciclos de vida, onde a ascensão fez contraponto com o ocaso, a esperança com o renascimento e certamente com o desenvolvimento da casa. Estas são imagens percebidas de sua dinâmica, no discurso proferido pelo confrade Aldrin Figueiredo (2018:1-7) por ocasião da sessão solene comemorativa aos 118 anos de fundação do IHGP, em 3 de maio de 2018.

Repensando no meu itinerário domiciliar no contexto familiar - da infância ao meu presente - avalio que percorri caminhos em várias e significativas paragens. Tempos e espaços de vida,



aprendizado e memória, os quais hoje me remetem para pessoas, fatos, lugares, eventos culturais, paisagens que, sem dúvida, derem seu contributo para meu olhar e meu pensar sobre a Amazônia, a cidade de Santa Maria de Belém do Grão - Pará e sobre o patrimônio material e imaterial que nelas foi construído pelos povos e ao mesmo tempo, nas minhas escolhas, das quais projeto imagens que vêm por diferentes lugares neste tempo de itinerário profissional. Assim diria, emprestando uma expressão do confrade Aldrin Figueiredo (2014:11), “Vem pelo Telégrafo”. Sim vim pelo Telégrafo, mas antes vim por Canudos (aculá, na Cipriano Santos), por onde passo sempre desde que o Museu Goeldi criou o Campus de Pesquisa na a av. Perimetral, na Terra Firme, perto da “Doquinha”. Depois de breve tempo aí, cambei pro Telégrafo Sem Fio (entre os anos de 1945-1989), onde vivi 43 anos, na então avenida 1º. de Maio (atual av. Senador Lemos), (a) convivendo com população diversificada, com fortes traços da cultura cabocla, fortes laços de vizinhança, parentesco, amizade, compadrio, reciprocidade bem ao estilo maussiano do dar e receber (MAUSS, 1974:49). Destaco minha ligação de parentesco com o interior do Pará, sobretudo com o Marajó, ilhas Caviana, Mexiana, estreito de Breves, e Baixo Tocantins. Além disso, por conta das relações familiares pretéritas no Rio Cajari no município de Afuá (Marajó), Vigia, Marapanim e Curuçá (Zona do Salgado) tive oportunidade de na adolescência passar férias escolares e fazer passeios (pic nics) por esses lugares para mim desconhecidos e tão remotos à época e ouvir discursos de gente de toda paragem sobre esses lugares. (b) estudando no CEPC e Conservatório Carlos Gomes, experimentado teatro de jovens com a notável Iracema Oliveira, produtora cultural atualmente, além de outros movimentos de igreja; (c) fui repórter e redatora do Jornal Folha do Norte. Ora, esses pontos de memória afetiva, guardados nas gavetas do tempo e no lado esquerdo do peito, vêm de alguma forma contribuir com novos conceitos, novas curiosidades, *insights*, hipóteses, sonhos, perspectivas sobre diversidade sociocultural, minorias sociais, comparações entre o passado e o presente. Daí porque encerrando este discurso laudatório, manifesto a convicção de que obras literárias do passado ou do presente, classificadas obras raras ou não – por mais simples que sejam julgadas - constituem ao pesquisador das ciências sociais e humanas ricas fontes de pesquisa, trilhas para se repensar sobre a Amazônia em sua exuberância ecológica e sobre os povos tradicionais, assim como sobre o armazenamento, uso e salvaguarda do patrimônio cultural - vida e razão de ser do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – o IHGP, este silogeu que nos acolhe!

Obrigada a todas as pessoas que me ajudaram neste trajeto da eleição até este momento solene que, com seus talentos emprestaram-me seu tempo para me ouvir, orientar, assessorar, corrigir meu



discurso, fazer uma gravação musical, ou coisas tão simples e, aparentemente, pequenas. Obrigada a vocês: Rosa - primeira pessoa que me recebeu aqui para fazer minha inscrição; confrades Robson Lopes, Helena Doris Almeida Barbosa e Aldrin Figueiredo por me orientarem sobre o rito de posse e por me alertarem para as emoções deste momento; Anaíza Vergolino e Silva pela energia inspiradora e pelo gesto acolhedor nesta minha nova casa; Cecília Maria Furtado Ribeiro pela paciência e mansuetude na assessoria geral desta missão, Maria Eunice Gonçalves Furtado, pela crítica, sugestões e correção deste discurso; Thais Maciel pela paciência em me aturar com os trabalhos de informática, bolsistas de Iniciação Científica do PIBIC pelo companheirismo; ao Arlen Vinagre, da Rádio Nazaré, da Fundação Nazaré de Comunicação, pela seleção e gravação das músicas que aqui vamos ouvir, às equipes de avaliação de Edital que me permitiram chegar aqui, neste sodalício. E, novamente, agradecer a Helena Doris e Aldrin Figueiredo, por cada ato de incentivo!

A Deus e às forças da natureza, pela energia e pelo dom da vida!

Muito obrigada a todas as pessoas presentes e/ou representadas! Seguimos juntos!

NOTAS

(1) - **Relação nominal dos 13 capítulos de Terra Imatura:** *Terra imatura, A Amazônia de Euclides, o Homem das águas (Himeneu), A conquista das Selvas, Na Morte das lagunas, Os Mongo-Malaios e Sertanejos, A Psicologia dos Lagos, O Trabalho das Múmias, O Devorador das manadas, A Gênese das Amazonas (I-Icamiabas, II - Teco-Imás), O Juruti-Pepena, O Muiraquitã, e A Vitória Régia.*

(2) **Relação das Epígrafes que abrem** os 13 capítulos do livro *Terra Imatura*, apresentadas por Alfredo Ladislau com referência às obras dos respectivos autores citados por ele, mesclando fontes literárias que o influenciaram no estilo com outras fontes científicas e históricas - tais como: **Cap. 1**, p.11 - *Terra imatura* - **Euclides da Cunha** (*À Margem da história* 2ª ed. p.13) & **Alberto Rangel** (*Inferno Verde*, p.341); **Cap. 2**, p.24 - *A Amazônia de Euclides* - **E. Roquette Pinto** (*Por Protesto e adoração-1909-1910*, pp. 63 e 64); **Cap.3**, p. 32 - *O himeneu das Águas* - **Guerra Junqueiro** (*Oração à luz* p. 19) e **O. A. Derby** (*Reconhecimento do Rio Maecurú*); **Cap. 4**, p. 43 - *A conquista das Selvas*, p. 43 e **C. P. Ph. Marttius** (*Impera Florae Brasiliensis*); **Cap. 5**, p.57- *Na Morte das lagunas* - **F. J. de Santa'Anna Nery** (*Le Pays des Amazones*); **Cap. 6**- p. 68- *Os Mongo-Malaios e Sertanejos* -**Louis D'Agassis** (*Voyage au Brésil*); **Cap.7**- p.84- *A psicologia dos lagos* - **Graça Aranha** (*Estética da vida* - p.103); **Cap.**



8, p.93 - *O trabalho das múmias*. (sem referência de página); **Cap. 9**, p. 101- *O devorador das manadas* - **Arthur Orlando** (*Revista da Academia brasileira de Letras*, Ano II, no. 3, p. 62); **Cap. 10**, p.113- *A gênese das Amazonas: (I) - Icamiabas - Barbosa Rodrigues* (*O Muiraquitã e os ídolos simbólicos*, vol.2º. p.104 e 110) & **Fr. Gaspar Carfajal** (*Relacion del Descubrimiento del Rio Orrelana*); (II) *-Teco-Imãs - p.12-* (*Lenda Sagrada de Ixy ou Bokan, versão do rio Uaupés*), *apud* **Barbosa Rodrigues**; **Cap. 11-** p. 137 - *Juruti-Pepena - José Veríssimo* (*Tradições, crenças e superstições - Revista Amazônica*, vol, I, pag. 212); **Cap 12**, p.151 - *O Muiraquitã - Dante* (*O inferno. Canto XVI, 124*) & **C. F. Martius** (*O passado e o futuro da raça americana*) & **Barbosa Rodrigues** (*O Muiraquitã e os ídolos simbólicos*, vol. I, p.30). **Cap. 13**, p.165 - *A vitória Régia - Dr. João Severiano da Fonseca* (*Viagem ao redor do Brasil*, vol. I p. 137)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rômulo de Paula (*). **Natureza, clima e civilização: as bases do pensamento social da Amazônia no Estado Novo**. ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009. (*) Doutorando do Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, bolsistas da CAPES 8 p.

BARBOSA, Helena Doris de Almeida. **Discurso de Posse proferido por Helena Doris de Almeida Barbosa no Instituto Histórico e Geográfico do Pará em 27 de Janeiro, por ocasião de sua posse na Cadeira de número 60**. Belém. 2017. Manuscrito. 8 p.

COELHO, Geraldo Mártires. **Rito e Memória**. Belém, 1991. Discurso de Posse do autor ao assumir a Cadeira n. 3 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em sessão ocorrida a 27 de junho de 1990. Universidade Federal do Pará. Gráfica Editora, 1991.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952**/Marinilve Oliveira. Campinas, SP: {s.n.}, 2003. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

FARIAS, Elson. **Terra imatura - Ensaio ou ficção**. *Apud* LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura/ Alfredo Ladislau*. Organização: Tenório Telles. - Manaus. Editora Valer, 2008. (Série: Memórias da Amazônia), pp 9-24. 168 p.



FIGUEIREDO, Aldrin. Discurso proferido por ocasião da Sessão Solene em comemoração aos 118 anos de fundação do IHGP, na Academia Paraense de Letras, em 3 de maio de 2018. Manuscrito. Belém. 7 p.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. **Cem Anos 1917-2017. Reinstalação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.** Programação do IHGP – 2º. Semestre de 2017. Folder.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. **Estatutos.** Belém – Pará. 40 p.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. **Programação do 2º. Semestre de 2018.** Folder.

LADISLAU, Alfredo. **Terra imatura.** Coleção “Literatura Paraense” Série “Inglês de Sousa”. Conselho Estadual de Cultura. Belém – Para, 1971. ilustr. 233 p.

MORAIS REGO, Clóvis Silva de. 1971. In: LADISLAU Alfredo Ladislau.- **Terra Imatura. Apresentação.** Conselho Estadual de Cultura do Pará. Belém – Pará, 1971-10.. ilustr. 229 p.

MARINHO DA ROCHA, Cândido. **Alfredo Ladislau. Patrono da Cadeira n. 3 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Discurso de posse do Acadêmico Cândido Marinho da Rocha.** apud Alfredo Ladislau. Terra Imatura. Coleção “literatura Paraense” Série “Inglês de Sousa”. Conselho Estadual de Cultura. Belém-Pará, 1971. 232p. pp. 201-214. (Da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – Vol. XIV – 1966/1967 – Imprensa Universitária do Pará. pp 155 a 165. Discurso de Posse em sessão solene do Sodalício, realizada em 26 de maio de 1967).

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** Sociologia e antropologia, vol 2. E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária.Ltda. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo,1974.

MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas de Eidorfe Moreia.**Belém: CEJUP, 1989. 8 v. Alfredo Ladislau, pp. 175-179.